

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO TRABALHO E DAS ORGANIZAÇÕES

12 – 13 de julho de 2012

Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga
Faculdade de Filosofia

LIVRO DE ATAS

Fevereiro 2013

FICHA TÉCNICA

Título: I Congresso Internacional de Psicologia do Trabalho e das Organizações
"Trabalho, Riscos Psicossociais e Saúde: Conceptualização, Diagnóstico e
Intervenção"

Organização: Fátima Lobo | Universidade Católica Portuguesa – Centro
Regional de Braga, Faculdade de Filosofia.

Edição: ALETHEIA – Associação Científica e Cultural

Faculdade de Filosofia

Universidade Católica Portuguesa

Praça da Faculdade, 1

4710-297 BRAGA

Tel. 253208080 | Fax. 253213940

www.publicacoesfacfil.pt

Tiragem: 50 exemplares CD-ROM

Fevereiro 2013

Depósito Legal: 354884/13

ISBN: 978-972-697-207-5

Nota: *Os artigos que integram as atas são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.*

TÍTULO: Trabalho, Sofrimento e Dignidade Humana: tópicos para uma reflexão a partir de fontes da Antiguidade Clássica

AUTOR(ES): António Maria Martins Melo (antmelo@braga.ucp.pt)

INSTITUIÇÃO: Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga – Faculdade de Filosofia

Resumo: O trabalho é, hoje, um bem escasso; o número de desempregados não pára de crescer a tal ponto que a angústia ameaça paralisar a Europa do Sul. O mesmo não parece suceder nas economias emergentes, como é exemplo eloquente o Brasil. Ali está a formar-se uma classe média forte. O ex-presidente Lula da Silva, numa curta declaração de anúncio do seu regresso à vida política activa, dizia que o fazia para «melhorar o nível de vida de milhões e milhões de brasileiros que conseguiram chegar à classe média e não querem voltar para trás, e para aqueles que sonham em chegar à classe média...». Aqui se perscruta uma concepção de trabalho sinónimo de progresso, de realização das aspirações do homem, trabalho enquanto força criadora, nas palavras do filósofo português Agostinho da Silva, seja esse trabalho de natureza manual ou intelectual... trabalho enquanto sinónimo de felicidade!... Um pensamento que nos conduz até Hesíodo e à sua celeberrima obra *Trabalhos e Dias*, em que este autor grego faz a apologia do valor do trabalho: «trabalho não é vileza, vileza é não trabalhar». Um valor reiterado, séculos mais tarde, na cultura romana, pela pena do escritor Catão: «é que a vida humana é como o ferro: se se exercitar, gasta-se; se não se exercitar, a ferrugem aniquila-o». Mas hoje, entre nós, milhares de homens e de mulheres, diariamente, demandam o trabalho, tantas vezes sofrimento, tormento. O que nos aproxima da etimologia desta palavra, proveniente do latim vulgar, *tripalium*, instrumento de tortura. O trabalho, enquanto tortura, sentiram-no os escravos que serviam nas minas de prata de Láurion, na Ática da Grécia Antiga; sentiram-no os hilotas, em Esparta, mas também os escravos na capital do império, Roma; célebre havia de ficar a revolta dos escravos, dirigida por Espártaco.

Palavras-Chave: Grécia; Roma; Cultura Clássica; Literatura Latina; Terêncio; trabalho; sofrimento.

Abstract: Nowadays the work is scarce; the number of unemployed is constantly growing so much that the anguish threatens to paralyze the South Europe. The same does not appear in emerging economies like Brazil where is being formed a strong middle class. The former president Lula da Silva, in a short statement, speaking about his return to active politics, said that he did it "to improve the living standards of millions of Brazilians who managed to reach the middle class and don't want to go back and for those who dream achieve the middle class ... ". In these words we can see the use of the word work as synonymous of progress, as the realization of the man's aspirations, the work as a creative force, in the words of the Portuguese philosopher Agostinho da Silva, whether it's a manual or a intellectual work... work as synonymous of happiness!... One thought that guide us to Hesíodo and his famous work *Works and Days*, in which these greek author makes the apology to the value of the work: "work it's not vilness, vilness is not work". This value was expressed again centuries later, on the Roman culture, by the writer's Catão feather pen: «is that human life is like iron: if you exercise, it takes if it does not work, rust destroys it.» But today, between us, thousands of men and women daily, demanding work, often suffering, torment. What brings us closer to the etymology of this word, from Vulgar Latin, tripalium, instrument of torture. The work, while torture, felt the slaves who served in the silver mines of Laurion in Attica of ancient Greece; felt the helots in Sparta, but also felt the slaves of the empire's capital, Rome; would be the famous revolt of the slaves, led by Spartacus.

Key words: Greece; Rome; Classical Culture; Latin Literature; Terence; work; suffering.

Denique, nullum est iam dictum quod non dictum sit prius, isto é, «Em suma, já nada há que se possa desenvolver que não tenha sido desenvolvido antes» (Terêncio, 2008a: 356) proclamava um jovem, de seu nome *Publius Terentius Afer*, de aproximadamente 24 anos, há mais de vinte séculos atrás, na capital daquele que foi um dos grandes impérios da Antiguidade, Roma. Um grito de revolta contra os detractores contemporâneos que o caluniavam de pelágio e, dessa forma, pretendiam silenciar a sua voz. Porventura, por duvidarem da sua capacidade, o que os conduziria às mais díspares interrogações, como esta: como é possível que esta produção literária, com um pensamento novo, possa sair da pena deste liberto, outrora escravo proveniente das longínquas terras africanas?!

Isto reflecte bem as dificuldades da busca de originalidade na área das Humanidades, um drama comum a este nosso tempo em que vivemos. Daí, entre outras, a acusação que lhe era dirigida pelo facto de persistir na imitação daquilo que os antigos fizeram, os Romanos, em primeiro lugar, mas também os Gregos. Na verdade, e como à saciedade já se demonstrou, foi nos autores da comédia nova grega que ele se inspirou, sendo dominante a influência de Menandro, um autor da segunda metade do séc. IV a. C. Por isso, este comediógrafo implorava ao público compreensão, pois os que o precederam já haviam recorrido ao mesmo processo. Que tomassem consciência por si da real valia das suas comédias, para que a sua «imparcialidade de juízo aumente no poeta o empenho de escrever», como ele declara no prólogo da comédia *Os dois irmãos* (Terêncio, 2008b: 326).

A frase latina, com que abri esta breve reflexão, pronunciada pelo *dominus gregis* Ambívio Turpião, um actor famoso que se empenhou para assegurar o êxito do nosso poeta, encontra-se no prólogo da comédia *Eunuco* (vv. 40-41), a mais feliz e afortunada das suas peças, que lhe rendeu um êxito comercial inesperado, cerca de oito mil sestércios, valor nunca obtido até então, como sublinha o tradutor Aires Pereira do Couto, no seu estudo introdutório. As duas prováveis representações desta comédia no ano da sua estreia, em 161 a. C., parecem ser um indicador claro do sucesso que alcançou.

Não obstante este seu êxito, recordamos aqui, como contraponto, as dificuldades que ele havia de enfrentar com a representação da comédia *A Sogra*, uma peça muito dada à reflexão em torno das dificuldades de comunicação entre as pessoas, arrastando consigo uma crescente debilidade dos laços familiares. Apresentada, pela primeira vez, em 165 a. C., mas imediatamente preterida em favor de uma exibição de pugilistas e funâmbulos, a representação desta peça de teatro seria retomada por duas vezes em 160 a. C., tendo somente a última delas conhecido o seu desenvolvimento até final, por ocasião dos *Ludi Romani*; com efeito, na segunda representação, quando se celebravam os jogos fúnebres em honra de Paulo Emílio, o vencedor da Macedónia, em 168 a. C., o povo, de forma semelhante à primeira, havia de preferir, uma vez mais, um espectáculo de gladiadores. Pois também na actualidade o desporto se apresenta a disputar a atenção do grande público, levando, na maioria das vezes, a palma, ficando as Humanidades para um segundo plano! Ainda que, como nos demonstra o exemplo acima citado, também elas possam proporcionar riqueza! Com elas, ainda hoje, alguns escritores fazem fortuna,

mas sobretudo sobram-nos alguns exemplos eloquentes da classe política, homens cuja formação muito lhes fica a dever! A própria Academia não fica isenta de culpas neste movimento de desvalorização acintosa das Humanidades! Mas retomemos o fio condutor desta reflexão.

O comentário a esta peça, *A Sogra*, que nos chegou do gramático romano de meados do séc. IV d. C., Élio Donato, que foi professor de S. Jerónimo, aponta-nos para o legado de Terêncio, a sua esperança na *humanitas* (Melo, 1994: 126-135) que a todos os seres humanos une, independentemente da sua fortuna individual: «A muitas ousadias se abalançou Terêncio – e com êxito, fiado na sua arte: às sogras, torna-as boas, e às mulheres da vida, fá-las sedentas de honestidade, contra o que a praxe havia divulgado» (Terêncio, 2008 a: 15). É esta uma reflexão feita à margem das palavras da hetera Báquis (vv. 774-776), que não se poupa à manifestação da grandeza do seu sacrifício e, simultaneamente, da sua esperança, perante Fidipo, sogro do transviado Pânfilo, amante que foi seu (Terêncio, 2008b: 231):

*Haec res hic agitur: Pamphilo me facere ut redeat uxor
oportet; quod si perficio, non paenitet me famae
solam fecisse id quod aliae meretrices facere fugitant.*

A questão está agora neste pé: tenho de fazer que a esposa regresse a Pânfilo... é necessário. Se o conseguir, não me pesará a fama de ser a única que fez aquilo que outras mulheres da vida se esquivam a fazer.

Esta uma merecida evocação impulsionada pelo êxito da representação desta peça, aqui em Braga, no auditório, do Museu D. Diogo de Sousa, ao ar livre, pelo grupo *Thíasos*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; tratou-se de uma realização que veio até nós integrada no festival de teatro Mimarte, no primeiro sábado deste mês de Julho do ano de 2012: a exuberância dos aplausos e o tão numeroso público que assistiu não nos deixam pensar de forma diferente.

Chegados aqui, forçoso será admitir que as expressões 'Antiguidade Clássica' e 'Dignidade humana' se nos apresentam, agora, de alcance bem definido. Mas também quanto ao método, que me inspira, não quis deixar dúvidas: vou apoiar a minha despreziosa argumentação na experiência dos antigos, nas suas ideias e numa das suas línguas, o Latim, num processo de criação literária que implica chamar à colação vários testemunhos, um *modus operandi*

semelhante àquele que, no tempo de Terêncio, se designou por *contaminatio*, isto é, a fusão de duas ou mais comédia gregas numa só latina.

É assim que, à maneira terenciana, no dealbar da segunda década deste terceiro milénio da era de Jesus Cristo, me atrevo a reclamar o epíteto de «novidade» para aquilo que vos estou a apresentar, a propósito de trabalho, sofrimento e dignidade humana.

Mas fixemo-nos, agora, no primeiro termo desta trilogia, o vocábulo «trabalho».

Como vemos e ouvimos, e tantos de nós já o sentimos, o trabalho tornou-se um bem escasso, nas ditas sociedades desenvolvidas, como o demonstram recorrentemente as estatísticas, que nos dão conta do número de desempregados, que não pára de crescer, de forma assustadora. Uma angústia que ameaça paralisar a Europa do Sul.

O mesmo não parece suceder, nos países da dita economia emergente, como é exemplo eloquente o Brasil. Ali está a emergir uma classe média robusta, verdadeiro sinal de um desenvolvimento que se traduz em melhores condições de vida para o povo comum. Pelo menos, nisso nos fazem acreditar as constantes notícias que daí recebemos. Isso mesmo se lê nas palavras proferidas pelo ex-presidente Lula da Silva, quando, em São Paulo, no fim do mês de Março deste ano, abandonava o Hospital Sírio-Libanês, depois de vencer a sempre difícil batalha do cancro. Na sua curta declaração de anúncio do seu regresso à vida política activa, dizia ele que o fazia, entre outras razões, para «melhorar o nível de vida de milhões e milhões de brasileiros que conseguiram chegar à classe média e não querem voltar para trás, e para aqueles que sonham em chegar à classe média...».

Aqui se perscruta uma concepção de trabalho enquanto sinónimo de progresso, de realização das aspirações do homem, trabalho enquanto força criadora, para citar palavras do filósofo português Agostinho da Silva. Seja esse trabalho de natureza manual ou intelectual... trabalho enquanto sinónimo de felicidade!... Uma linha de pensamento que nos conduz até Hesíodo e à sua celeberrima obra *Trabalhos e Dias* (vv.308, 309, 311-313, 315-316), em que este autor grego, do séc. VIII a. C., faz a apologia do valor do trabalho (Pereira, 1998: 97):

ἐξ ἔργων δ' ἄνδρες πολύμηλοί τ' ἀφνειοί τε·
καὶ ἐργαζόμενοι πολὺ φίλτεροι ἀθανάτοισιν.

(...)

ἔργον δ' οὐδὲν ὄνειδος, ἀεργίη δέ τ' ὄνειδος.
εἰ δέ κε ἐργάζῃ, τάχα σε ζηλώσει ἀεργὸς
πλουτεῦντα· πλούτῳ δ' ἀρετὴ καὶ κῦδος ὀπηδεῖ.

(...)

εἴ κεν ἀπ' ἀλλοτρίων κτεάνων ἀεσίφρονα θυμὸν
εἰς ἔργον τρέψας μελετᾷς βίου, ὥς σε κελεύω.

Pelo trabalho é que os homens enriquecem em gados e bens.
E aqueles que trabalharem são muito mais caros aos mortais.

(...)

Trabalho não é vileza, vileza é não trabalhar.
Se trabalhares, em breve o indolente te inveja a prosperidade.
Da riqueza é companheira o mérito e a glória.

(...)

Cuida da tua vida, desviando o teu ânimo insensato
das alheias riquezas para o trabalho, como eu te exorto.

Neste poema, onde é feito um grande elogio do trabalho e da justiça, Hesíodo vai exortar o seu irmão Perses, que havia desbaratado a herança paterna, a dedicar-se à agricultura, a quem dá indicações precisas.

A valoração do trabalho, enquanto actividade que dignifica a existência humana, é algo reiterado, séculos mais tarde, desta feita na cultura romana, pela pena do seu primeiro grande prosador, Catão-o-Antigo, que viveu entre 234 e 149 a. C. Dizia ele, como se pode ler num fragmento do seu *Carme sobre os Costumes* (Pereira, 2000: 12), citado por Aulo Gélíio (XI.2.6):

"Nam uita," inquit, "humana prope uti ferrum est. Si exerceas, conteritur; si non exerceas, tamen robigo interficit. Item homines exercendo uidemus conteri; si nihil exerceas, inertia atque torpedo plus detrimenti facit quam exercitio"

É que a vida humana é quase como o ferro: se se exercitar, gasta-se; se não se exercitar, a ferrugem aniquila-o. Assim vemos os homens desgastarem-se na sua actividade, mas, se não tiverem actividade nenhuma, a inércia e a torpeza causam mais prejuízo do que o exercício.

Este seu pensamento é reforçado por uma frase lapidar, «*Nihil agendo homines male agere discunt*», que lhe é atribuída pelo escritor latino Columela (XI.1.26), do início da nossa era e que nos legou o mais completo tratado sobre a agricultura, intitulado *Res Rustica*: «sem fazer nada, os homens aprendem a fazer mal» (Pereira, 2000: 12).

Mas qual será a natureza desta ocupação que o pensamento deste célebre varão romano há-de privilegiar, ele que tanto se empenhou em reprimir, através de leis, os gastos sumptuários, excessivos do estado romano naquela época? Ele próprio se ocupou da educação do filho, elaborando uma espécie de enciclopédia, *Ad filium libri*, onde lhe ensinava os rudimentos de retórica, medicina, tática militar, de agricultura... Pois foi a agricultura que lhe mereceu a sua atenção, ao consagrar-lhe um tratado, o único que dele chegou até nós completo, com o qual pretendia reconduzir a burguesia romana à economia agrária.

No prefácio a este tratado, *De re rustica*, depois de adiantar a possibilidade de se poder fazer fortuna no comércio, ou a emprestar dinheiro a juros, se honestamente – para os prevaricadores, os antepassados haviam determinado que o ladrão era condenado no dobro, o usurário no quádruplo – bem claro se torna que o usurário era tido na conta de pior cidadão que o ladrão, sendo enaltecida a figura do lavrador, digno dos maiores encómios (Pereira, 2000: 11):

Et uirum bonum cum laudabant, ita laudabant, bonum agricolam bonumque colonum. Amplissime laudari existimabatur, qui ita laudabatur. (...) At ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maximeque pius quaestus stabilissimusque consequitur, minimeque inuidiosus: minimeque male cogitantes sunt, qui in eo studio occupati sunt.

E, quando elogiavam um homem de bem, elogiavam-no assim: é um bom lavrador e um bom agricultor; entendia-se que um elogio destes era o maior dos louvores. (...) Mas é dos lavradores que descendem os homens mais fortes e os militares mais valentes, são eles que alcançam o ganho mais honesto e mais estável, e o menos sujeito à inveja; e os que se ocupam deste trabalho são os que menos têm maus pensamentos.

Esta visão optimista do valor do trabalho tem que ser vista no contexto do Próximo Oriente, enquadrada por uma tradição oral que, por esta altura, foi sendo guardada por escrito. Uma afirmação que nos pode conduzir ao Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, mais propriamente, ao primeiro livro do

Pentateuco, o *Génesis*. As raízes orientais deste pensamento podemos surpreendê-las aqui, quando o narrador nos apresenta a origem do trabalho, donde o homem tira o seu sustento (*Gen. 2.15*): «(...) *tulit ergo Dominus Deus hominem et posuit eum in paradiso voluptatis ut operaretur et custodiret illum*», isto é, «O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar» (Bíblia Sagrada, 2003: 27). Isto acontece, sublinhe-se, antes da morte e de outras misérias serem introduzidas na humanidade, como se pode ler numa passagem da carta que São Paulo dirigiu aos cristãos de Roma, a partir de Corinto, no Inverno de 55-56 d. C. (cf. *Rom. 5.12*)! Deste modo, o homem aproximava-se mais de Deus, transformando-se em cooperante do Seu acto criador; por este caminho alcançará o homem a divinização, através do trabalho, condição essencial de realização humana, ao qual foi concedida uma dimensão sobrenatural pelo próprio Deus, que a ele não se eximiu, dando o exemplo (*Gen. 2.2*): «*complevitque Deus die septimo opus suum quod fecerat et requievit die septimo ab universo opere quod patrarat*», isto é, «Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado» (Bíblia Sagrada, 2003: 26). Daqui resulta que o trabalho é uma actividade especificamente humana e que, só por extensão, se poderá falar no trabalho dos animais ou das máquinas.

Mas voltemos os nossos olhos para a actualidade. Hoje, entre nós, ainda milhares de homens e mulheres, diariamente, demandam o trabalho. Na indústria e nos serviços. Atormentados pela insegurança, pela ameaça constante à sua sobrevivência, sua e da sua Família. E quem tem trabalho, diariamente suporta o tormento de uma jornada extenuante... Trabalho é sofrimento, é tormento. O que nos aproxima da etimologia desta palavra, proveniente do latim tardio, «*tripalium*», instrumento de tortura formado por três paus («*tres, palus*», por isso, também a grafia «*trepalium*»), onde se aplicavam suplícios degradantes aos escravos, como se pode ler geralmente nos variados instrumentos lexicográficos da língua portuguesa. Alguns, contudo, apontam também para a proveniência agrícola deste instrumento: com bicos de ferro nas suas pontas, servia para a debulha de colheitas cerealíferas. Ainda hoje, no francês, a variante «*travail*» conserva esta ambiência rural, pois serve para designar o instrumento em madeira destinado a imobilizar o cavalo para se prestar assistência às suas ferraduras ou se proceder a pequenas intervenções cirúrgicas. De «*tripalium*» deriva o hipotético vocábulo do latim vulgar, «**tripaliare*», verbo denominativo donde deriva o português «trabalhar», que significava torturar

alguém no «*tripalium*», transformando, deste modo, o «trabalhador» em carrasco, e não na vítima que ele hoje é, efectivamente.

A palavra «trabalho», em português, terá surgido, pela primeira vez, no século XII, conforme regista José Pedro Machado, no seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1977a: 320), mas com o sentido latino de «sofrimento, dor»; no século seguinte, conserva ainda este significado a palavra «trabalhar», como nota este filólogo em passagem citada. Segundo observou judiciosamente José van den Besselaar (1994: 303-304), douto mestre que foi da Universidade Católica de Nimega, nos Países-Baixos, num estudo monográfico dedicado à língua portuguesa, sugestivamente intitulado *As palavras têm a sua história*, e que lhe havia de ocupar os derradeiros anos da sua vida, a palavra «trabalho», sobretudo no seu plural, usava-se muitas vezes no período clássico da língua portuguesa com o sentido de «tribulações, dores, sofrimentos», juntando o exemplo de um verso de *Os Lusíadas*, no canto IV, estrofe octogésima segunda: «de trabalhos mui grande sofredor», para caracterizar o carácter do futuro comandante da nau *Bérrio*, Nicolau Coelho, e subordinado de Vasco da Gama. No séc. XVI, aponta mais um exemplo, o título de um livro do escritor português Frei Tomé de Jesus (1529-1583?), *Os trabalhos de Jesus*, escrito no cativeiro que se seguiu à sua prisão em Alcácer-Quibir e dado à estampa numa edição póstuma de 1602. Um sentido específico é o de «dores do parto», acrescenta o filólogo holandês, para concluir que em tudo o mais a evolução semântica foi muito idêntica nas outras línguas românicas.

Só no séc. XIV é que esta palavra «trabalho» viria a alcançar o sentido hoje mais corrente de «aplicação das forças e faculdades do homem à produção», para utilizar as palavras de José Pedro Machado (1991: 374). Por esta altura, também surge a palavra «trabalhador», embora o seu significado actual se venha a fixar mais tarde, apenas nos finais do séc. XVII.

De evolução semântica parecida se mostra a palavra portuguesa «labor», com étimo latino em «*labor, -ōris*»: «sofrimento, dor, fadiga (que se experimenta na realização de um trabalho)», para citar as palavras exactas de Francisco Torrinha a partir do seu *Dicionário Latino-Português* (1998: 460). Sobretudo no seu plural, «labores», conservou, em algumas expressões, o seu sentido primitivo de «tribulações, provações». De notar, ainda, que o filólogo José Pedro Machado (1977b: 366) aponta o séc. XVI como a data mais provável para a sua introdução na língua portuguesa. Antes disso, pelo séc. XI/XII, já há notícias da forma «lavor» (1977b: 394-395).

Como se vê, a etimologia serve para traçarmos o estudo da origem e formação das palavras. O mesmo é dizer que, à semelhança do Homem, as palavras têm uma identidade, que lhe advém da sua história, do contexto em que aparecem. Transportam consigo a ambiência contextual que as viu nascer. Se recuarmos, no tempo, até ao século XII, no contexto português, compreenderemos facilmente que o «trabalho manual», sobretudo o dos campos, deveria ser um suplício, uma dor permanente, a que não seria alheia a fome, a miséria, realidade que atingiria as camadas populacionais mais frágeis que, ainda por cima, eram as principais responsáveis pela produção dos campos. Ao caracterizar a crise compreendida entre os anos 1190 e 1210, agravada por grandes intempéries, e depois de referir que o resto da Europa, o Norte de África e até Inglaterra sofreram prejuízos de natureza idêntica, o historiador José Mattoso (1993: 102) remata o assunto desta maneira:

Pode concluir-se destas informações que a fome e a peste atingiram mais fortemente o Norte do país, a região mais densamente povoada, onde o contágio da doença era mais mortífero. Os outros cataclismos podem ter trazido perturbações mais limitadas. A situação criava um clima propício a perturbações e violências. Conhecem-se, de facto, surtos de agitações e de revolta nas cidades e povoações mais importantes, que alastraram para os meios rurais.

O trabalho, enquanto tortura, sentiram-no os escravos que, na Grécia Antiga, serviam nas minas de prata de Láurio, situadas junto do cabo Súnio, na Ática; sentiram-no, em Esparta, os hilotas, como o testemunha Míron de Priene, num fragmento da sua *História da Messénia* que chegou até nós (Ferreira, 1996: 128-129) por intermédio de um gramático e retórico grego do séc. II/III d. C., Ateneu de Náucratis, autor de uma obra famosa, em quinze livros, *O Banquete de sofistas* (Δεινσοοφίσται, 657d). Em forma de diálogo, imitando Platão, Ateneu relata ao seu amigo Timócrates tudo o que se passou à mesa de um sábio e rico romano, Larensis, que reuniu os homens mais ilustres do seu tempo, médicos, retóricos, artistas, filósofos, em número de 29. É do livro XIV que se transcreve este passo:

‘τοῖς δ’ εἴλωσι πᾶν ὑβριστικὸν ἔργον ἐπιτάττουσι πρὸς πᾶσαν ἄγον ἀτιμίαν. κυνήν τε γὰρ ἕκαστον φορεῖν ἐπάναγκες ὄρισαν καὶ διφθέραν περιβεβληῖσθαι πληγὰς τε τεταγμένας λαμβάνειν κατ’ ἐνιαυτὸν ἀδικήματος χωρὶς, ἵνα μήποτε

δουλεύειν ἀπομάθωσιν. πρὸς δὲ τούτοις εἶ τινες ὑπερακμάζοιεν τὴν οἰκετικὴν ἐπιφάνειαν, ἐπέθηκαν ζημίαν θάνατον καὶ τοῖς κεκτημένοις ἐπιτίμιον, εἰ μὴ ἐπικόπτοιεν τοὺς ἀδρουμένους. καὶ παραδόντες αὐτοῖς τὴν χώραν ἔταξαν μοῖραν ἦν αὐτοῖς ἀνοίσουσιν αἰεΐ’.

Aos hilotas prescreveram todo o trabalho infamante, que causava uma total desonra. De facto, determinaram que cada um deles fosse obrigado a trazer um barrete de pele de cão, a vestir peles de animais e a receber todos os anos um número determinado de chicotadas, apesar de não ter cometido qualquer falta, para nunca se esquecer de que é escravo. A somar a isto, se algum destes apresentava uma aparência de vigor que excedesse o que convém aos servos, infligiam-lhe a pena de morte e aos patrões uma punição, por não haverem impedido que se tivesse robustecido. Ao entregar aos hilotas uma parte de terra, estipularam que eles deviam sempre pagar-lhes uma renda.

Mas também no império romano eram vistos como proscritos da sociedade, tão difamantes eram as actividades que lhe eram destinadas, que célebre havia de ficar a revolta dos escravos, conduzida por Espártaco, um trácio que no ano 73 a. C. comandou a revolta dos gladiadores, iniciada em Cápuia, no sul de Itália.

Esta tradição de desprezo pelo trabalho dos mais humildes de entre os seres humanos vai reconduzir-nos, de novo, à Sagrada Escritura, ao livro do Génesis (Bíblia Sagrada, 2003: 29). Àquela passagem (*Gen. 3.17-19*) que, isoladamente, serve perfeita-mente os intentos daqueles que vêm no trabalho uma punição do pecado. Falamos da condenação divina de Adão, em resultado da sua desobediência:

(...) maledicta terra in opere tuo in laboribus comedes eam cunctis diebus vitae tuae; spinas et tribulos germinabit tibi et comedes herbas terrae; in sudore vultus tui vesceris pane donec revertaris in terram de qua sumptus es quia pulvis es et in pulverem reverteris.

(...) maldita seja a terra por tua causa. E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida. Produzir-te-á espinhos e abrolhos, e comerás a erva dos campos. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás.

O trabalho existe, porque existe o Homem. Em si, o trabalho não pode ser visto como uma punição; se o é, isso resulta das condições em que ele é desenvolvido, em que é executado, tornando-se árduo. É verdade que o trabalho pode ser um meio de tortura, que se procura para expiação de alguma falta. Vou recordar-vos o exemplo imortalizado numa das seis comédias terencianas, *O Homem que se puniu a si mesmo*. Fala assim Menedemo (vv. 131-150), pai de Pânfilo, o jovem que havia partido para a guerra, revoltado com a excessiva dureza do seu progenitor (Terêncio, 2008a: 223):

*"(...) Sed gnatum unicum,
quem pariter uti his decuit aut etiam amplius,
quod illa aetas magis ad haec utenda idonea est,
eum ego hinc eieci miserum iniustitia mea.
Malo quidem me quouis dignum deputem
si id faciam. Nam usque dum ille uitam illam colet
inopem, carens patria ob meas iniurias,
interea usque illi de me supplicium dabo,
laborans, parcens, quaerens, illi seruiens."
Ita facio prorsus: nihil relinquo in aedibus,
nec uas nec uestimentum; conrasi omnia:
ancillas, seruos, nisi eos qui opere rustico
faciundo facile sumptum exsercirent suom,
omnis produxi ac uendidí; inscripsi ilico
aedis mercede: quasi talenta ad quindecim
coegi; agrum hunc mercatus sum; hic me exerceo.*

*Decreui tantisper me minus iniuriae,
Chreme meo gnato facere dum fiam miser,
nec fas esse ulla me uoluptate hic frui
nisi ubi ille huc saluos redierit meus particeps.*

E entretanto o meu filho único, que devia estar a gozar destas regalias ou ainda mais, porque a idade que tem é a mais adequada ao seu proveito, eu trato de o correr daqui para fora... Desgraçado rapaz, que foi vítima da minha injustiça! Digno de qualquer castigo eu me consideraria, se de tal jeito eu procedesse. Enquanto ele levar aquela vida de penúria, privado da pátria por culpa dos meus erros, eu lhe oferecerei como expiação a tortura da minha vida, sofrendo, poupando, granjeando, levando vida de escravo em seu benefício. Meu dito, meu feito. Não deixo nada na casa, nem uma taça nem um trapo; liquidei tudo.

Escravos, servos – salvo os que pelo trabalho nos campos fossem capazes de acudir facilmente à sua própria sustentação –, a todos expus e vendi. Do pé para a mão, afixei aviso de arrendamento da minha casa. Arrecadei perto de quinze talentos; comprei este campo; e é aqui que passo o tempo a trabalhar.

Depois de uma pequena pausa, avança para a conclusão:

Decretei, Cremes, que estou a cometer um agravo menor ao meu filho, enquanto eu próprio for desgraçado. E que não tenho direito de gozar prazer algum nesta vida, enquanto o meu rapaz não tiver regressado aqui são e salvo, para partilhar comigo dos meus bens.

É curioso registar que antes desta confissão do contristado pai, seu vizinho Cremes o tinha advertido para o excesso de trabalho que a sua idade requeria. Que, em momento algum, o via ausente da herdade. Menedemo advertiu-o da sua solicitude, dizendo-lhe se os seus afazeres lhe davam assim tanto tempo livre para se ocupar da vida alheia, ao que Cremes, aguentando a resposta, lhe retorquiu com a mais celebrada das citações terencianas, de ressonância universal (v. 77): *Homo sum: humani nihil a me alienum puto*, isto é, «Um homem eu sou; e nada do que é humano eu considero alheio à minha natureza» (Terêncio, 2008a: 219).

Na cultura latina, no séc. I d. C., é celeberrima a opinião benevolente de Séneca acerca dos escravos, exarada em carta dirigida ao seu amigo Lucílio, natural de Pompeios (V.47). Mas em Roma, no século anterior, um outro grande escritor, Cícero de seu nome, no tratado *Dos Deveres* (I.13.41), mostra preocupação relativamente ao tratamento a dispensar aos escravos, com os quais se deve agir com justiça (Pereira, 2000: 56):

Meminerimus autem etiam aduersus infimos iustitiam esse seruandam. Est autem infima condicio et fortuna seruorum, quibus non male praecipiant, qui ita iubent uti, ut mercennariis, operam exigendam, iusta praebenda.

Lembremos que mesmo em relação aos mais pequenos se deve observar a justiça. Ora a condição e sorte mais baixa é a dos escravos. Não dão preceitos errados aqueles que mandam servir-nos deles como de mercenários: exigir-lhes trabalho, mas dar-lhes o que é justo.

O foco irradiador deste espírito filantrópico encontra-se já na cultura grega. Na Atenas democrática, sobretudo, e não obstante ser universalmente aceite, muitos cidadãos não possuíam escravos e até «a maioria da produção dependia de homens livres – como observou judiciosamente Ribeiro Ferreira (1996: 159) – pequenos comerciantes, camponeses, artesãos, marinheiros, ou mesmo simples assalariados. Eram esses afinal, quem constituía a maioria dos cidadãos – o *dêmos*». Acrescenta ele ainda acerca da vida ‘amena’ do escravo nesta pólis: «O escravo gozava de certa liberdade, e o «Velho Oligarca» queixava-se de que em Atenas um escravo se não distinguia do homem livre. A mais alta escala de artesãos nas oficinas de escultores era frequentemente constituída por escravos» (1996: 158). Escravos de nome apenas, que choram a partida de suas donas, como se pode observar a partir do exemplo de Alceste, imortalizado por Eurípides, no séc. V a. C., em tragédia homónima, de que transcrevemos a passagem entre os versos 192 e 195 (Ferreira, 1990: 280):

πάντες δ' ἔκλαιον οἰκέται κατὰ στέγας
δέσποιναν οἰκτίροντες, ἢ δὲ δεξιὰν
προύτειν' ἑκάστω, κοῦτις ἦν οὔτω κακὸς
ὄν οὐ προσεῖπε καὶ προσεῤῥήθη πάλιν.

Todos os escravos da casa choravam
e tinham compaixão da senhora. Ela a mão direita
estendia a cada um e não havia ninguém tão vil
a quem não dirigisse a palavra e não saudasse.

Por isso, não nos surpreende este pensamento de Alcídamente, inserto num discurso seu dirigido aos espartanos, exortando-os a libertarem a Messénia, cujos habitantes são seus servos há muitos anos (Ferreira, 1990: 281): «A divindade criou todos os homens livres; a natureza não fez nenhuma pessoa escrava».

Mas a derradeira dignificação do trabalho, ainda daquelas actividades manuais mais humildes, vamos encontrá-la, de novo, insuflada pelo espírito do Oriente Antigo, agora renovado para sempre, *in aeternum* (Matth. 13.54-57):

Et veniens in patriam suam docebat eos in synagogis eorum ita ut mirarentur et dicerent: 'unde huic sapientia haec et virtutes? Nonne hic est fabri

filius? Nonne mater eius dicitur Maria et fratres eius Iacobus et Ioseph et Simon et Iudas et sorores eius nonne omnes apud nos sunt? Vnde ergo huic omnia ista? Et scandalizabantur in eo Iesus autem dixit eis: 'non est propheta sine honore nisi in patria sua et in domo sua'.

Tendo chegado à sua terra, ensinava os habitantes na sinagoga deles, de modo que todos se enchiam de assombro e diziam: 'De onde Ihe vem esta sabedoria e o poder de fazer milagres? Não é Ele o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não estão todas entre nós? De onde Ihe vem, pois, tudo isto?' E estavam escandalizados por causa dele. Mas Jesus disse-lhes: 'Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa' (Bíblia Sagrada, 2003: 1590-1591).

Referências

Besselaar, José van den (1994), *As palavras têm a sua história*, Braga, Edições da APPACDM Distrital.

Bíblia Sagrada (2003). Para o Terceiro Milénio da Encarnação. Versão dos textos originais. Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica.

Ferreira, José Ribeiro (1990), *A democracia na Grécia Antiga*, Coimbra, Livraria Minerva.

Ferreira, José Ribeiro (1996), *Civilizações Clássicas I. Grécia*, Lisboa, Universidade Aberta.

Machado, José Pedro (coord.), (1991), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol. VI (SEGR-ZZZ), Lisboa, Círculo de Leitores.

Machado, José Pedro, (1977a), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, Vol. III (F-L), Lisboa, Livros Horizonte.

Machado, José Pedro, (1997b), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, Vol. V (Q-Z), Lisboa, Livros Horizonte.

Mattoso, José (1993), «Dois séculos de vicissitudes políticas», in MATTOSO, José (dir.), *História de Portugal*. Vol. II – *A Monarquia Feudal*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Melo, António Maria Martins, (1994), *Ideias pedagógicas na comédia de Terêncio*, Braga, Edições da APPACDM Distrital.

Pereira, Maria Helena da Rocha Pereira, (1998), *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, organizada e traduzida do original, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Clássicos.

Pereira, Maria Helena da Rocha Pereira, (2000), *Romana. Antologia da Cultura Latina*, organizada e traduzida do original, Coimbra, Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Clássicos.

Terêncio (2008a), *Comédias*, Vol. I, introdução geral de Walter de Medeiros; introdução, tradução do latim e notas de Walter de Medeiros e Aires Pereira do Couto, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Terêncio (2008b), *Comédias*, Vol. II, introdução, tradução do latim e notas de Walter de Medeiros e Aires Pereira do Couto, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Torrinha, Francisco, (1998), *Dicionário Latino-Português*, Porto, Gráficos Reunidos, Lda.